



FÁTIMA VELEZ DE CASTRO,
JOÃO LUÍS FERNANDES
RUI GAMA

REDES, CAPITAL HUMANO E GEOGRAFIAS DA COMPETITIVIDADE

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

**RELAÇÕES DE INTERFACE, REDES E CIDADES
MÉDIAS: O CASO DE PRESIDENTE PRUDENTE,
BRASIL**

**INTERFACE'S RELATIONSHIP, NETWORK AND
MEDIUM-SIZED CITIES: THE PRESIDENTE PRUDENTE,
BRAZIL CASE**

Antônio Bernardes

Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro, Brasil
Pesquisador FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo

A análise e a interpretação das relações de interface, ou seja, aquelas relações que são mediadas eletronicamente, pressupõe considerarmos os locais em que há o aporte técnico dos sistemas de telecomunicações. Nesse sentido, abordamos os aspectos universais ou gerais acerca das relações de interface para em seguida nos determos as particularidades de uma cidade média, no caso, Presidente Prudente, Estado de São Paulo, Brasil. Destaca-se a correlação entre as suas centralidades urbanas e a concentração do aporte técnico das redes de telecomunicações. Realizamos uma série de estudos *in loco* nas áreas centrais destinadas as atividades de lazer noturno na cidade de Presidente Prudente para aferir como as relações de interface podem influenciar nas dinâmicas cotidianas dos cidadãos em suas características singulares, privilegiando o

estudo de como as redes sociais podem reforçar as centralidades urbanas. Em suma, focamos nossos esforços para o entendimento e a interpretação acerca da recíproca influência entre as relações de interface e aquelas face a face e seus respectivos modos de objetivação numa cidade média.

Palavras-chave: relações de interface; Internet; cidades médias; centralidade urbana; cidadãos.

Abstract

The analysis and interpretation of the interface's relationships, in other words, those relationships that are electronically mediated, presuppose the consideration of the places in which exists the technic structure to the telecommunication system. In this sense, firstly we address the universal or general aspects related to the interface's relationship, to observe then it's particularities in a medium city, in the case, Presidente Prudente, São Paulo State, Brazil. The correlation between its urban centralities and the concentration of the technic structure to the telecommunication systems is highlighted. A series of *in loco* studies in the central areas destined to nocturne leisure activities in the city of Presidente Prudente was conducted to verify the interface's relationship, which may influence in the daily dynamics of the townspeople in their singular characteristics, focusing the study of how the social networks can reinforce the urban centralities. To sum up, we focused our efforts on the understanding and interpretation of the reciprocal influence between the interface's relationships and those face to face and their ways of objectification in a medium-sized city.

Key words: interface's relationship; Internet; medium-sized cities; urban centralities; townspeople.

Introdução

A comunicação e a informação são algumas das mais fundamentais atitudes humanas, tanto, são elas que possibilitam a existência dos homens em sociedade. Entender ao contrário é conceber que as relações entre os homens e destes para o meio de sua existência sem o câmbio de signos, símbolos, valores, saberes que são objetivados, repassados, reproduzidos e desenvolvidos. Nesse sentido, a informação não está no polo oposto à comunicação e sim dela deriva. Ela é a comunicação objetivada.

Em todos os períodos da história humana a comunicação e a informação foram fundamentais, mas não podemos negligenciar a relevância que lhes atribuíram nas últimas décadas. Com o meio cada vez mais tecnificado, ou seja, com a crescente objetivação da subjetividade humana na matéria pelo trabalho, a informação passa a ser um elemento muito importante para análise e interpretação das dinâmicas do atual período de globalização. Santos (1996) chama atenção para este fenômeno quando denomina o atual período de técnico-científico informacional. Para ele a ciência precede a técnica como atitude organizativa e dinâmica do modo capitalista de produção. A informação é considerada a mola mestra do atual período na medida em que os objetos ensejam ações aos homens pelas intencionalidades a eles atribuídas.

Dentre os inúmeros fenômenos contemporâneos que poderíamos citar e analisar acerca das dinâmicas concernentes à comunicação e a informação, tomamos aquele das redes de telecomunicações. Tratam-se de sistemas altamente organizados espacialmente e com grande aporte de tecnologia para que ocorra seu funcionamento. Com certo grau de certeza, podemos afirmar que eles mudaram e mudam a maneira que os homens se relacionam entre si e o mundo nas últimas décadas. Em outras palavras, modificou-se a forma que os homens se comunicam e se informam, pois a telecomunicação indica a comunicação efetivada sem a presença do Outro em sua facticidade de ser ou a informação de certo fenômeno que se está em outra situação que não aquela que ele ocorreu. Denominamos estas relações como de interface em contraposição àquelas que são face-a-face, em que a comunicação e informação são estabelecidas em presença do Outro e na mesma situação de certo fenômeno.

As redes de telecomunicações mais utilizadas atualmente estão baseadas no sistema de telefonia móvel celular e no sistema de Internet. Contudo, em períodos pretéritos outros sistemas foram hegemônicos, dentre os quais: telégrafo, rádio, telefonia fixa, televisão analógica etc. Muitos destes antigos sistemas de telecomunicações podem valer-se, sob outras maneiras, por meio da utilização da Internet. Quanto à telefonia móvel celular ela não se trata de um sistema destinado para realização de ligações telefônicas, como quando concebida, ela trabalha com troca de pacote de dados e possibilita o acesso a Internet em boa parte dos locais em que há o aporte técnico necessário.

Para a análise e interpretação das relações de interface é necessário, antes de tudo, considerar os locais em que há o aporte técnico dos sistemas de telecomunicações. Nesse sentido, iniciamos esta discussão pela análise dos aspectos gerais acerca das relações de interface em suas particularidades para em seguida nos determos as singularidades da cidade média de Presidente Prudente (Estado de São Paulo, Brasil), destacadamente, quanto suas centralidades urbanas em correlação com a concentração do aporte técnico das redes de telecomunicações. Buscamos analisar e representar cartograficamente a organização, distribuição, oferta e qualidade dos serviços prestados para os sistemas de telecomunicação nesta cidade levando em conta certas características universais. Para inferir acerca de como as relações de interface podem influenciar nas dinâmicas cotidianas dos cidadãos, realizamos uma série de estudos *in locu* – que apresentaremos parte deles neste texto – nas áreas centrais destinadas as atividades de lazer noturno. Privilegiamos o estudo das redes sociais – a forma como os sujeitos se relacionam objetiva e materialmente – e como as redes sociais mediadas pela Internet – com destaque para o Facebook – podem reforçar as centralidades urbanas. Em suma, focamos nossos esforços para o entendimento e a interpretação acerca da recíproca influência entre as relações de interface e face-a-face e seus respectivos modos de objetivação. Por fim, perpassa esta discussão alguns aspectos teórico-metodológicos acerca das diferentes concepções de redes tendo como base os estudos de campo e suas formas de representação por meio da teoria dos grafos nos estudos geográficos.

As relações de interface

Comunicar e informar são atitudes fundamentais para a manutenção da existência humana. São por meio delas que objetivamos e partilhamos o conhecimento e o entendimento dos fenômenos com outros sujeitos¹, ao mesmo tempo, podemos desenvolvê-los por este câmbio perpétuo. Tanto a comunicação como a informação pressupõe ao menos uma forma de linguagem comum entre os sujeitos para que se efetivem. A comunicação objetivada é informação.

Mitchell (2002) trata essas atitudes fundamentais das relações entre os sujeitos nas discussões iniciais de seu livro “E-topia” para entender os seus diferentes modos contemporâneos, estabelecendo, de forma geral, duas maneiras: as relações sincrônicas e as relações assíncronas.

As relações sincrônicas são entendidas como diretas e indiretas. As diretas são aquelas que os sujeitos estão num mesmo meio, face-a-face, e se comunicam entre si, por exemplo: a tomada de decisões na ágora grega e/ou o debate de um tema entre os estudantes em uma sala de aula. Certo sujeito se comunica frente-a-frente com o Outro. Esta relação é simultânea e presencial. As indiretas são aquelas estabelecidas com os outros sujeitos que estão distantes de nós, ou seja, não há sua presença. O Outro não está em sua facticidade de ser no mesmo meio em que estamos para estabelecermos a comunicação. Contudo, esta relação é simultânea, mesmo que ocorrendo à distância, como, por exemplo, as videoconferências mediadas pela Internet. Para as relações assíncronas há a presença do sujeito no ato informativo. A comunicação se caracteriza por temporalidades e meios distintos. Podemos utilizar como exemplo um recado deixado na geladeira ou a leitura de livro.

O conceito de sincrônico e assíncrono trabalhado por Mitchell atribui como fundamental a dimensão temporal. As relações assíncronas apontam para

¹ Consideramos o conceito de sujeito, destacadamente, como sujeito social de forma próxima ao considerado por Lindón (2009, p.7), como segue: “O conceito de sujeito – pela via filosófica – também dá conta de um ser que experimenta o mundo (aqui está a relação entre o sujeito e a subjetividade) e também está relacionado com outra entidade. Por ele, o sujeito ao mesmo tempo que possui iniciativa e capacidade transformadora, também implica uma sujeição a um mundo social. Esta segunda componente do conceito de sujeito (a sujeição) também tem base filosóficas profundas”.

o ocorrido, uma ideia objetivada e informada. Há certa informação passada e os comunicantes não partilham do mesmo meio. As relações sincrônicas, de modo geral, apontam para o simultâneo. Um dado fenômeno que ocorre ao mesmo tempo em que outro. Fenômeno tautócrono. Fatos que coincidem em sua ocorrência temporal, mas, não necessariamente espacial. Quando as relações são sincrônicas diretas, a simultaneidade do fenômeno é tão próxima quanto à dimensão espacial em que ele ocorre. Um sujeito está face-a-face do Outro e há a comunicação e a troca de informações em certo meio e temporalidade comum a ambos. Para as relações sincrônicas indiretas, o meio comum não é partilhado e sim uma simultaneidade para a informação comunicada. Isto incorre que a comunicação é efetivada somente de forma mediada.

As relações sincrônicas indiretas são aquelas que denominamos de relações de interface, cada vez mais comuns no nosso cotidiano. Assistir um programa de TV “ao vivo” é uma relação sincrônica indireta, mas quando o assistimos e sua temporalidade é distinta daquela que vivenciamos, trata-se de uma relação assincrônica. Estas relações podem ser somente receptivas, como os sistemas de televisão e rádio analógicos; ou interativas, que pressupõem um *feedback* entre os sujeitos ou entre estes e a máquina(s), como: *chats*, jogos *on-line* e *off-line*, sistemas operacionais de computadores, Internet e os sistemas de televisão digital.

As relações sincrônicas indiretas, por mais que aparentem, não é um fato novo. Elas remontam a comunicação via rádio, quando simultânea. Sendo possível desde o século XIX. Atualmente, além de simultâneas, elas podem ser interativas. Esta é uma de suas diferenças em comparação com as outras. Não se trata tão e somente da emissão de informações pelos veículos de mídia e sim pode haver uma resposta, comunicação, dos então ouvintes e espectadores a certa informação veiculada. Atualmente, boa parte das relações sincrônicas indiretas e interativas está amparada na utilização e mediação da rede de Internet, tanto para aquelas realizadas por meio de dispositivos portáteis, como os telefones celulares, como para aquelas realizadas por meio de rádios, TVs e computadores com o uso de aplicativos para certa socialização.

Para aproximar a discussão realizada por Mitchell (2002) daquelas atinentes à Geografia, consideramos que o espaço quando abordado pode ser constatado,

primeiramente, pela seguinte pergunta: onde? Entendemos que ele o é de modo direto ou indireto quando sincrônico, ou seja, onde os sujeitos estabelecem suas relações. Privilegiam-se as singularidades e, quando muito, as particularidades das relações sincrônicas.

A análise do autor está restrita aos sujeitos e aos locais em que elas são estabelecidas, tanto, que fora dos locais que se “aproximam” pelas relações de interface, há uma espécie de vácuo. Consideramos que as relações de interface ao mesmo tempo em que são simultâneas e aparentam estabelecer a proximidade entre os locais e os sujeitos, reiteram a distância que a técnica busca superar. Elas indicam um conjunto de sistemas técnicos necessários para a efetivação da comunicação mediada. Em outras palavras, para que haja quaisquer relações de interface, antes de tudo, é necessária a existência de um sistema técnico que as possibilitem e mediem a comunicação.

Deste modo, pelas singularidades tratadas por Mitchell para as relações de interface podemos alçar o entendimento para suas universalidades. Isto implica em considerar a materialidade da rede de telefonia e da rede de Internet e, assim, o espaço geográfico como uma dimensão para análise do aporte técnico dos territórios. Considerar tanto as particularidades como as universalidades para análise é considerar que o aporte técnico dos territórios precede as relações de interface. Destarte, sem as redes de telecomunicações não seria possível relações sincrônicas indiretas. Elas possuem como fundamento ser mediadas por dispositivos técnicos. É inconcebível uma ligação telefônica sem telefone e rede de telefonia, assim como, uma videoconferência sem computador e rede de Internet. Esta é outra característica fundamental que a diferencia das relações sincrônicas diretas e assíncronas.

As cidades médias e o lazer noturno: o caso da cidade de presidente Prudente, Brasil

A concepção espacial de Mitchell (2002) está próxima à ideia de que na contemporaneidade o tempo suprime o espaço devido à simultaneidade das

relações ou a teoria da compressão espaço-tempo como indicado por Bauman (2001) e Giddens (1991). É notória a relevância que Mitchell atribui a categoria tempo em detrimento do espaço. Esta concepção está alicerçada nas considerações acerca das relações de interface por suas particularidades, numa escala geográfica reduzida. Todavia, a distância a ser transposta para a comunicação entre dois sujeitos nas relações de interface indica o conjunto de sistemas de objetos que a fundamenta. Eis que esta teoria demonstra seu limite analítico e, assim, entendemos que é somente após considerar as universalidades acerca das dinâmicas das relações de interface que podemos inferir, novamente, a sua dimensão particular; das relações que são estabelecidas entre os sujeitos e suas respectivas formas de organizações como, por exemplo, as redes sociais.

Quando abordamos as universalidades das relações de interface indicamos a imersão para o entendimento acerca da distribuição dos objetos técnicos que compõem os sistemas de telecomunicação, tanto para a rede de telefonia móvel celular quanto para a rede de Internet. Nesse sentido, para considerarmos a organização dos objetos das redes de telecomunicação é necessário elegermos um sítio para análise. Indicamos o município de Presidente Prudente como pressuposto empírico para discussão no intuito de entendermos com mais acuidade as redes de telecomunicações. Trata-se de um município do interior do Estado de São Paulo, Brasil, com uma população de 207.625 habitantes (IBGE, 2010) e caracterizando-se como cidade média em função do papel que desempenha na rede urbana. De acordo com Sposito (2004), as cidades médias desempenham considerável centralidade interurbana, ou seja, cada qual possui papel intermediário nas relações que se estabelecem entre cidades de certa rede urbana.

A centralidade interurbana exercida por uma cidade média indica a certa polarização ou aglomeração das atividades econômicas e de gestão do território. No caso da cidade de Presidente Prudente, estas atividades estão concentradas, principalmente, no setor de prestação de serviços – médico, educacional e lojista em geral – e empreendimentos relacionados à agropecuária. Sua influência abarca além do oeste do interior do Estado de São Paulo – macrorregião a qual pertence –, também, o norte do Estado do Paraná e o leste do Estado do Mato Grosso do Sul.

Sposito (2004) indica que nas cidades médias não há somente a concentração das atividades econômicas, de serviços e de gestão para a rede urbana e sim a sua dinâmica intraurbana também é marcada pela extensão, descontinuidade e multiplicação das áreas centrais. Há a multicentralidade intraurbana. Certos serviços e atividades estão marcadamente concentrados em certos locais da cidade que exercem e reforçam centralidades intraurbanas específicas, como é o caso de Presidente Prudente.

Partindo destes pressupostos quanto à centralidade interurbana e intraurbana, selecionamos a rede de telecomunicações para aferir onde há a concentração dos objetos técnicos que a compõem e onde há o serviço prestado com melhor qualidade². Por meio do *Mapa 1* podemos analisar as redes de telecomunicação do município, seja pelos objetos que compõem seus respectivos sistemas ou pela espacialização do serviço prestado.

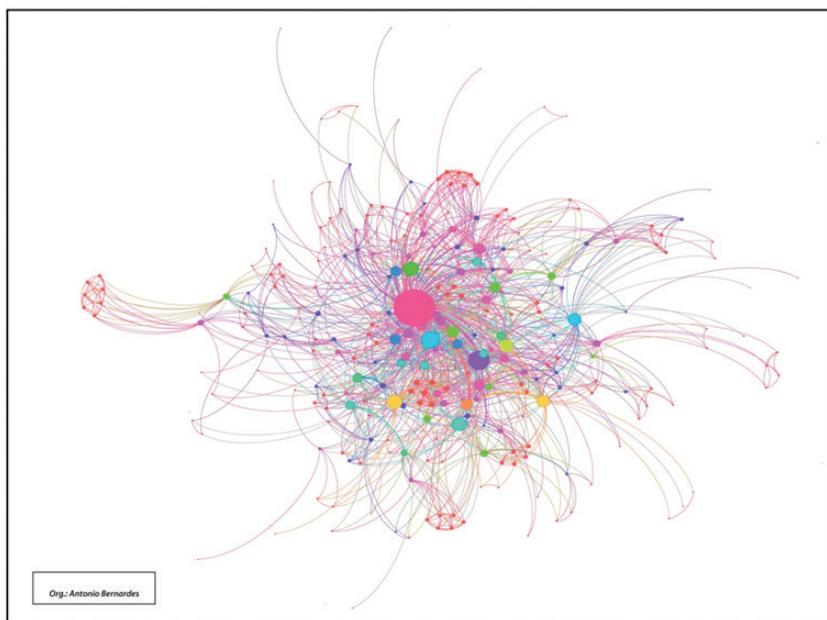
Pela análise do *Mapa 1*, evidencia-se que as operadoras de telefonia móvel celular e de Internet em Presidente Prudente buscam atender a maior quantidade de usuários, na medida em que os serviços de melhor qualidade são ofertados na área em que há o adensamento da malha urbana, assim como, naquelas que exercem representativa centralidade pelo fluxo de pessoas e de capitais.

Os objetos técnicos estão organizados para otimização do sistema e obtenção de lucro pelas operadoras de telefonia móvel celular e Internet. A oferta dos serviços de telecomunicações em Presidente Prudente leva em conta os locais em que há maior oferta de comércio e serviços. Esta lógica reforça a centralidade de certas áreas que já são centrais (TURRA NETO; BERNARDES, 2013).

Deste modo, a seleção de uma área para a pesquisa acerca das relações de interface deve, necessariamente, levar em conta os locais que possuem

² Tomamos como base para esta discussão outro trabalho (TURRA NETO; BERNARDES, 2013) desenvolvido por nós que objetivou o mapeamento da rede de telefonia móvel celular e da rede de Internet do município de Presidente Prudente, a partir de levantamento de dados junto ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações). Ele foi sistematizado num conjunto de cartas em que o meio urbano da cidade de Presidente Prudente foram superpostas informações quanto à distribuição das antenas prestadoras de serviço de telefonia móvel – o raio de abrangência do sinal de radiofrequência de cada uma delas, considerando o relevo e a morfologia urbana da cidade –, bem como a distribuição da qualidade do sinal de Internet na cidade – tanto daquela cabeada como via rádio.

a melhor oferta dos serviços de telecomunicação. Trata-se de locais condicionados para a pesquisa devido ao aporte técnico que lhe atribuíram e a espacialidade que se suscita para análise. Somente assim podemos discutir acerca das relações de interface, pois não são todos locais que possuem este conteúdo técnico e, logo, não é possível falar de relações de interface estabelecidas em alhures.



Definir o “onde” para pesquisa é aferido pelo aporte técnico dos locais, assim como, o “quando” pela contemporaneidade e simultaneidade das relações de interface e o “como” pelo próprio fato das relações serem mediadas eletronicamente, incorrendo na utilização de terminais convenientemente preparados. Cabe, então, identificarmos com mais acuidade o “onde”, “quem” e o “por que”. A segunda, sob a forma de indagação, indica o público a ser pesquisado e a terceira os objetivos dos sujeitos pela telecomunicação.

Com o intuito de responder essas questões colocadas, realizamos uma pesquisa de campo. Para a segunda e a terceira indagação, buscamos por meio da observação sistemática de algumas redes sociais mediadas pela Internet,

destacadamente, o Facebook³, direcionar a pesquisa para o público que mais utiliza as relações de interface e que nos permitisse interpretar e mensurar objetivamente as informações de forma correlacionada aos locais que possuem melhor acessibilidade aos serviços de telecomunicações.

Inicialmente, precisamos investigar certo segmento social que utiliza as relações de interface com frequência para estabelecer a telecomunicação. Consideramos que o público juvenil como aquele que poderia nos oferecer lastro empírico para a pesquisa e que possuem como objetivo o desenvolvimento de atividades relacionadas às práticas espaciais de interação social no tempo livre. Restava-nos selecionar um local específico. Pela mesma pesquisa, partimos de diversos locais na cidade que possuem o aporte técnico para que ocorram as relações de interface e selecionamos um: a área central da cidade – conforme destacada no *Mapa 1* – como aquela que há considerável aporte técnico para a rede de telecomunicações e possuem atividades dos mais variados tipos de atividades de serviço, dentre eles o lazer noturno com grande presença do público juvenil. Todavia, quando indicamos o centro tradicional da cidade para pesquisa precisamos pondera-lo para pesquisa, pois se trata de uma centralidade muito específica:

O centro é área principal de articulação das estruturas urbanas. Constitui-se no nódulo principal das redes do sistema viário das cidades e é a área que possui maior circulação de pessoas, concentrando as principais atividades de comando econômico e se constituindo, muitas vezes, no espaço de maior conteúdo histórico e simbólico (SANTOS, 1980 apud SPOSITO, 2011, p.18).

No caso de Presidente Prudente, a área central da cidade é onde há a concentração das atividades de serviços e de comércio, assim como, um grande

³ A seleção do Facebook como a rede social em que iremos identificar as relações de interface decorre do fato de ser esta a rede social mais popular no Brasil e não se restringir a estabelecer relações para públicos específicos. Um dos motivos da popularidade do Facebook se deve ao fato de que ele possibilita a telecomunicação por meio de textos, imagens, vídeos, sons etc. com uma interface dinâmica, amparada num *design* e numa forma de estruturação das informações que são de fácil manuseio.

fluxo de capitais e de pessoas. Este processo é histórico, pois é o primeiro núcleo comercial da cidade em sua fundação no início do século passado. Como tal, denota certa simbologia.

As lógicas locacionais direcionadas pelos estabelecimentos que oferecem lazer noturno para os cidadãos não diferem muito daquelas adotadas pelos estabelecimentos comerciais de bens e serviços que dinamizam a vida da cidade no que se denomina de horário comercial. Margulis (1997 apud TURRANETO; BERNARDES, 2013, p.6), afirma que à noite outra cidade emerge, cujo público é marcadamente juvenil e as práticas sociais são aquelas ligadas a uma “cultura da noite”. Estamos no cerne do que Simmel (1983 apud TURRANETO; BERNARDES, 2013, p.6) denomina de sociabilidade, ou seja, a reunião de sujeitos que possui fim em si mesmo, sem conteúdos definidos, do qual eles partilham e participam o simples prazer que a reunião proporciona.

Deste modo, não podemos considerar que as centralidades urbanas vinculadas ao lazer noturno são estritamente marcadas e deliberadas pela lógica comercial, ou melhor, não é somente por ela condicionada. Devemos considerar, também, seu caráter mais fluído tendo como parâmetro a sociabilidade, pois:

[...] aqui ou ali, uma multidão pode se reunir, objetos amontoarem-se, uma festa ocorrer, um acontecimento, aterrorizante ou agradável, sobrevir. Daí o caráter fascinante do espaço urbano: a centralidade sempre possível. (LEFEBVRE, 1999, p.121)

Estamos de acordo com a assertiva de Lefebvre, notadamente, quando abordamos a centralidade pelas relações vinculadas ao consumo do lazer noturno. Ela é “sempre possível”, pois “não existem lugares de lazer, de festa, de saber, de transmissão oral ou escrita, de invenção, de criação, sem centralidade” (LEFEBVRE, 1999, p.93). Contudo, devemos considerar que ambos os modos de entender as centralidades urbanas não se excluem, combinam-se contraditoriamente. Mesmo aqueles eventos em que há a reunião de pessoas para o exercício de determinada atividade, não exclui o fato de eles ocorrerem num local carregado de intencionalidades, pois a própria

cidade como uma construção social é intencional. No limite, não podemos deixar de considerar que os espaços que exercem certa centralidade são toponímias de referência para a reunião de pessoas e objetos, isto já denota certa centralidade e intencionalidade.

A diferença reside no fato de que a centralidade mais fluída e ocasional pode não ser explicitamente deliberada, mas, o simples fato de ocorrer no espaço urbano já indica sua condição. Ela é determinada e determinante, pois é uma forma objetiva e material das contradições urbanas. Determinada porque, ao menos no caso das relações de interface, a existência das redes de telecomunicações é seu fundamento e, desta, certo local central que exerce historicamente uma centralidade. Ela é determinante, porque na medida em que se está em certo centro destinado as atividades de comércio, aquelas que possuem como fundamento o lazer noturno tencionam suas características pela própria forma que os sujeitos se apropriam do espaço urbano em questão. Concomitantemente, ao tencionar, reforçam uma centralidade urbana existente que, no nosso caso, ocorre pelas relações de interface.

O reforço das centralidades pelas relações de interface só podem ocorrer quando temos a prestação dos serviços de telecomunicações estendidos por boa parte do território. Caso contrário, estaríamos lidando como a dinâmica de redes cujos nós possuem caráter pontual. Para a cidade de Presidente Prudente, a prestação do serviço abrange boa parte da cidade, mesmo que em distintas qualidades – como notado no *Mapa 1* –. Isto incorre em considerarmos que as dinâmicas características das relações de interface podem se objetivar nos locais que exercem certa centralidade, assim como, as dinâmicas das relações face-a-face podem se objetivar nas relações de interface, destacadamente, nas redes sociais. Há uma influência recíproca entre eles.

Santaella (2008), sob outros termos, afirma que no atual período é difícil distinguir as recíprocas influências entre as dinâmicas concernentes aos espaços das relações mediadas eletronicamente daqueles das relações materiais e objetivas, ou seja, respectivamente, entre as relações de interface e aquelas face-a-face. Ela propõe a concepção de espaço intersticial para entender este fenômeno contemporâneo, como segue:

Os espaços intersticiais referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais se rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado, e digitais, de outro. Assim, um espaço intersticial ou híbrido ocorre quando não mais se precisa ‘sair’ do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais. Sendo assim, as bordas entre os espaços digitais e físicos tornam-se difusas e não mais completamente distinguíveis (SANTAELLA, 2008, p.21).

Assim, teríamos, destacadamente, nesta área central da cidade o que Santaella (2008) denominou de espaço intersticial. Onde é desenvolvida uma sociabilidade de novo tipo, produto das possibilidades técnicas, mas também do uso, cada vez mais intenso, das novas tecnologias das comunicações que possibilitam as relações de interface.

Santaella indica as particularidades do espaço e trata a categoria espaço como intersticial. Temos certas ressalvas quanto esta assertiva, pois, de certo modo ela afirma que há dois espaços distintos que se conectam gerando um terceiro que é, justamente, a brecha entre ambos – o interstício – uma espécie de híbrido. Entendemos que não há separação entre o espaço físico e os digitais. Está é uma dicotomia tão custosa quanto aquela entre sujeito e objeto. Como discutimos em outro momento (BERNARDES, 2012), levar estas assertivas a cabo significa que os fenômenos cotidianos de caráter objetivo e material se desenvolvem de um lado e de outro há os fenômenos digitais, ou seja, aqueles que são mediados eletronicamente e não possuem lastro material para se efetivarem; e, em certo momento estas distintas dimensões se conectam e formam um híbrido. Ora, a infraestrutura das redes de telecomunicações é o lastro material das relações de interface e é somente quando há este aporte técnico que podemos falar de relações de interface. Aqui podemos expandir a análise e considerar além dos grandes objetos técnicos que constituem as respectivas sistemas há aqueles que estão para os sujeitos em seu uso cotidiano – os terminais móveis, como: *tablets*, telefones móveis, *PCs* etc.

Para discutir a recíproca influência entre as relações de interface e aquelas face-a-face e suas respectivas formas de objetivação na materialidade que, pode incorrer no reforço de centralidades urbanas em acordo com a organização dos

sistemas de telecomunicações, é necessário não nos atermos tão e somente à espacialidade ou aos sujeitos das relações e sim aos modos que elas se desenvolvem, as suas articulações e o que e como elas se objetivam. As articulações são tão múltiplas tanto quanto os sujeitos que as desenvolvem e aquilo que objetivam. É essa fluidez das relações que devemos levar em conta, o novo tipo de sociabilidade que proclamam e a forma que se objetiva no espaço enquanto totalidade ao invés de promover análises dicotômicas.

As redes das redes sociais

Os “pequenos objetos” manipulados pelos sujeitos – como por exemplo: *tablets*, telefones móveis, *PCs* etc. – que possibilitam as relações de interface constituem os sistemas de telecomunicações tanto quanto os grandes objetos – como as antenas, servidores, cabeamentos etc. A diferença fundamental entre eles para a análise é que os sujeitos imersos no cotidiano manipulam os “pequenos”. São por meio deles que podemos reaver a discussão das relações de interface por suas particularidades e como efetivamente há a recíproca influência entre as relações de interface e as face-a-faces e seus modos de objetivação no meio de existência dos homens.

De alguma forma as particularidades para as relações de interface sempre estiveram presentes na discussão, notadamente, quando temos a sociabilidade como parâmetro. Por um lado, tratar acerca das redes de telecomunicações é reiterar seu fundamento, a comunicação e a informação, seja elas de interface ou face-a-face, elas são uma forma de sociabilização. Por outro lado, analisar as centralidades urbanas é indicar um local que exerce significativa atração ou repulsão na cidade pelos modos de sociabilidade que objetivam. Os fluxos, as articulações, a mobilidade e os deslocamentos, qualitativa e quantitativamente, são diferentes conceitos que nos permitem abordar os movimentos dos sujeitos para indicar aquilo que é central ou não.

No que concerne às centralidades urbanas, o que diferencia uma de outra são os modos de sociabilidade objetivados. Por exemplo, podemos considerar que

elas podem ocorrer em períodos distintos do dia, o que incorre em diferentes formas de organização para o lazer noturno e para as atividades comerciais características do horário comercial de certa cidade. Para nosso caso empírico, na cidade de Presidente Prudente consideramos que a área destinada às atividades comerciais em geral, centro da cidade, coincide como aquela que centraliza as atividades de lazer noturno, assim como, o aporte técnico das redes de telecomunicações. Deste modo, entendemos que as relações de interface reforçam as centralidades urbanas ao menos de dois modos: como destacado, pela distribuição dos objetos técnicos que compõem as redes de telecomunicações, privilegiando seu aporte aos locais centrais e, com isso, possibilitando e desenvolvendo novas formas de sociabilidade mediadas eletronicamente nos locais que já exercem certa centralidade. Para este último, elas possibilitam que os sujeitos tomem contato com os locais e com outros sujeitos de forma mediada eletrônica e simultaneamente. O que pode induzir ao deslocamento, a intensificação dos fluxos e do movimento para aos locais centrais.

Tomando como exemplo a pesquisa de campo realizada na cidade de Presidente Prudente, notamos que nos bares da área central da cidade de Presidente Prudente há o uso das redes sociais – principalmente, o Facebook – pelos seus frequentadores para se comunicar com os amigos no decorrer da noite e quando se define onde ir, há um significativo peso de onde os amigos estão. Contata-se que há recíprocas dinâmicas entre os sujeitos que são, ao mesmo tempo, internautas e frequentadores do bar. Os sujeitos tomam contato com os locais e com outros sujeitos de forma mediada eletronicamente, objetivando suas ações tanto nas redes sociais mediadas pela Internet como no bar e, ao fazerem, divulgam uma imagem do bar, um conjunto simbólico que pode influenciar outros sujeitos a irem ao bar. Em outros termos, a dinâmica dos bares possuem influências nas redes sociais, assim como, as redes sociais na área destinada ao lazer noturno. Tais relações podem induzir ao deslocamento dos sujeitos e a intensificação dos fluxos, reiterando os aspectos significantes e reforçando certa centralidade urbana.

Dos três estabelecimentos comerciais pesquisados na área de lazer noturno da central, ao menos dois levou alguns dos aspectos que discutimos. Este

fenômeno é considerado e utilizado pelos proprietários dos estabelecimentos como uma ferramenta estratégica para divulgação dos eventos, pois, conforme um dos sócios de um bares estudados, o Butiquim Café Bar, boa parte dos seus clientes utilizam o Facebook:

A gente faz a programação da semana no bar, coloca os flyers, vamos supor, quinta, sexta e sábado... E solta no Face a programação nossa... Então os clientes veem, eles interagem [...] no dia seguinte, eles comentam no Face e tudo, que gostou, que não gostou...”. Já atingiram quatro mil visualizações num único flyer (informação verbal)⁴.

Uma das estratégias adotadas pelos proprietários era postar fotos simultâneas ao movimento do bar. Segundo ele, em uma das noites, ele postou fotos do movimento da casa e pouco tempo depois houve a lotação do estabelecimento. Contudo, outro sócio-proprietário do Butiquim Café Bar, assim como, um dos funcionários responsáveis pela divulgação do bar na rede social afirmaram que, apesar da movimentação na página do bar, o Facebook não tem servido como medidor confiável do que vai acontecer na dinâmica na noite, pois nem sempre os *flyers* mais visualizados correspondem aos eventos mais movimentados e o inverso também é verdadeiro (TURRA NETO; BERNARDES, 2013).

Com certa segurança, podemos afirmar que as relações de interface, especificamente, as redes sociais, reforçam a sociabilidade de certo grupo de amigos, conhecidos ou mesmo de uma rede de contatos e são utilizadas pelos proprietários do respectivo estabelecimento para divulgação e consumo do e no lugar. Isto perpassa o manejo mercadológico de uma referência ideológica e de códigos culturais de certo grupo, assim como, considera-se que as relações mediadas eletronicamente perfazem aquelas que são face-a-face, mas, em outras dimensões e sob outras formas de interação.

⁴ BUTIQUIM, Proprietário. Entrevista 2. [fev. 2013]. Entrevistadores: TURRA NETO, N. Presidente Prudente: UNESP, 2013. 1 arquivo MP3. Entrevista concedida ao Projeto temático FAPESP “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”.

A estratégia mercadológica adotada por um dos sócios-proprietários do Butiquim Café Bar, com a postagem de fotos na rede social para atrair seu público no decorrer da noite coincide com uma dinâmica que podemos analisar em campo: os frequentadores/internautas da área estudada mantêm relações mediadas eletronicamente com certo grupo de amigos ou de “comuns” nas redes sociais, permitindo o monitoramento do que acontece no decorrer da noite na cidade e onde se pode ir. Podendo implicar no câmbio de locais. Em muitos dos sujeitos pesquisados foi possível constatar que há um fluxo intenso entre os estabelecimentos e/ou áreas que exercem centralidade do lazer no decorrer da noite.⁵

Considerando os diferentes sujeitos e locais, principalmente, as relações estabelecidas entre eles, podemos reiterar (TURRA NETO; BERNARDES, 2013) que as redes sociais mediadas eletronicamente promovem redes e reforçam outras tantas já constituídas pelas relações face-a-face. Assim como, criam e desenvolvem outras redes oriundas das relações de interface. Sua tecitura é complexa tanto quanto os fluxos e as relações que a promovem. É nesse sentido, que a trama que constitui esse fenômeno pode ser compreendida como redes de redes.

Os deslocamentos dos frequentadores/internautas na noite são influenciados por redes de contatos próximos e por redes sociais mediadas pela Internet. Uma se mistura com a outra. A cada ligação telefônica, mensagem de texto e/ou postagem nas redes sociais se abre uma nova possibilitada de troca dos locais e de sociabilidade. Podemos citar como exemplo um dos bares pesquisados na referida área: ele possui um público marcadamente homoafetivo e antes mesmo da consolidação das redes sociais mediadas pela Internet já havia o desenvolvi-

⁵ O fluxo e a constante migração dos locais de lazer noturno nos aproxima de uma espécie de versão moderna do *flâneur* de Benjamin (1997). Trata-se de uma figura literária que retrata certos hábitos dos sujeitos da primeira metade século XIX que percorriam as cidades e vivenciavam uma experiência associada as transformações no espaço urbano parisiense. O *flâneur* é aquele que perambula pela cidade, caminha ociosamente, como uma forma de lazer. Flanar é verbo e um modo de apreender a cidade. Para o *flâneur* a rua e os caminhos é seu lugar. Por outro lado, os pesquisados não se referem a um perambular incessante ou o *zapping* e sim o perambular direcionado ao câmbio de locais que exercem certa centralidade de lazer noturno na cidade, estando conforme suas redes sociais, de contatos e seus interesses na noite. Os frequentadores/internautas flanam quando estão em determinado local buscando outros pelas relações de interface, mas nem sempre incorre numa ação de mudança de local.

mento de uma rede de sujeitos homoeróticos para propiciar o encontro entre comuns. O meio utilizado era divulgação de certos eventos pela exposição de *flyers* em *magazines*, lojas de vestuário e até mesmo restaurantes em que seus proprietários são orientados sexualmente para o mesmo sexo e/ou parte de sua clientela. Todavia, se antes a sua divulgação era feita estritamente dentro de um “círculo” por meio e em estabelecimentos comerciais específicos, atualmente, ela é, também, realizada pela Internet, destacadamente, pelas redes sociais e o Facebook é o principal sítio eletrônico utilizado.

Deste modo, podemos tomar algumas proposições de Latour (1996), considerando cada frequentador/internauta como uma espécie de nó de uma rede de contatos. Latour desenvolve a *actor-network theory* ou a teoria do ator-rede, não com vistas a entender, especificamente, as relações mediadas pela Internet e sim as formas organizativas e de relações entre os sujeitos na sua cotidianidade. Ele indica uma nova ontologia para se entender as dinâmicas da sociedade contemporânea, ou seja, o entendimento das relações entre os sujeitos sob a forma de rede e que cada sujeito – atores, no conceito utilizado por Latour – possui uma rede de contatos:

Mais precisamente, é uma mudança de topologia. Em vez de pensar em termos de superfícies – duas dimensões – ou esferas – três dimensões – os convido a pensar em termos de nós que possuem tanto um número maior de dimensões como de conexões. Como uma primeira aproximação, o AT reivindica que as sociedades modernas não podem ser descritas sem a identificação de sua fibrosidade, ramificações, resistências, pegajosidade, viscosidade e capilaridade, características que não podem ser entendidas pelas noções de níveis, camadas, territórios, esferas, categorias, estrutura e sistemas. Tem-se o objetivo de explicar esses efeitos por meio dessas palavras tradicionais sem ter que compactuar com seus aspectos ontológicos, topológicos e políticos.

AT foi desenvolvido por estudantes de Ciência e Tecnologia e sua alegação é que ele é totalmente impossível entender o que mantém certa sociedade unida sem reconsiderar no seu tecido os fatos produzidos pelas

ciências naturais e sociais e os objetos técnicos projetados pelas engenharias. Como uma segunda aproximação, a AT indica que única maneira de conseguir isso é pela reconsideração de uma entendimento dos tecidos sociais através da ontologia em rede e da teoria social. (LATOURE, 2013, p.3)

Latour contesta a utilização de alguns termos e conceitos com características bidimensionais e tridimensionais para se entender as relações sociais contemporâneas e propõe que busquemos na concepção de rede, em que os nós podem ter tantas dimensões como conexões, para sua compreensão. Ao indicar que a rede deve ser considerada como uma ontologia e teoria social, a teoria do ator-rede indica os sujeitos como fundamentais para o desenvolvimento, consolidação e manutenção da rede como uma forma de sociabilidade.

Deste modo, é possível afirmar que a sociabilidade estabelecida na área estudada são desenvolvidas tanto pelas relações face-a-face como pelas relações de interface. Cada sujeito pode ser considerado como um nó da rede, tanto para as relações mediadas eletronicamente ou não. Entendemos que *é e está* nos sujeitos o liame entre aquilo que Santaella (2008) denominou de espaço intersticial. Não levamos a cabo que há um espaço físico e um espaço virtual a ser conectado e tampouco um interstício entre eles. Há os sujeitos sociais que em seus diferentes modos de sociabilidade objetivam suas ações no meio de sua existência e a forma que interpretamos estas complexas relações pode ser sob a forma de redes. A concepção de rede dá conta num mesmo movimento da relacionalidade das relações quanto sua forma. Eis a recíproca influência entre as relações de interface e aquelas face-a-face, como relações que *são e estão* nos sujeitos sociais que também são internautas.

Representações gráficas das redes sociais

Após a discussão acerca das relações de interface e suas recíprocas influências pelas relações face-a-face, podendo reforçar as centralidades urbanas, realizaremos uma digressão acerca de como a emergiu a necessidade de utilização de

uma concepção de rede para nossos estudos. Por mais que desenvolvemos a discussão até este momento em direção a discussão de redes, é necessário reiterar certas elucubrações para então abordarmos acerca das representações gráficas das relações sociais estudadas.

No início da pesquisa realizada na cidade de Presidente Prudente não adotamos certa concepção de rede para entender os fenômenos das relações de interface e sua recíproca influência para as relações face-a-face. Privilegiamos o desenvolvimento metodológico para entender como este fenômeno pode reforçar as centralidades urbanas. Todos os dados oriundos das observações sistemáticas, entrevistas e enquetes aplicadas foram sistematizados com o fim de identificar os deslocamentos, os movimentos dos sujeitos na cidade e o porquê eles ocorriam e como se objetivavam em certos locais e áreas que exercem certa centralidade urbana para o lazer noturno.

A consideração de uma teoria das redes nos ocorreu quando buscamos representar graficamente esta complexa tecitura, tanto para as relações mediadas eletronicamente como para aquelas face-a-face, e porque constatamos que havia forte influência dos contatos próximos dos frequentadores/internautas da área pesquisa de onde se ir na noite. A princípio, a necessidade de representação gráfica emergiu devido à necessidade de identificar e realizar entrevistas com os sujeitos que possuíam significativa importância para os fenômenos estudados. Os dados foram levantados e sistematizados manualmente em várias *fan pages* do Facebook. Tratou-se de um trabalho incomensurável, mas que reiterava os questionários e enquetes aplicados *in locu* quanto à importância dos contatos próximos, ou seja, da rede de contatos mais próximos, de onde se ir na noite.

Neste momento tomamos contato e adotamos alguns *softwares* de levantamento, sistematização e tratamento gráfico dos dados obtidos pelas redes sociais mediadas pela Internet. Trata-se do *Template* para o *Microsoft Excel*, *NodeXL* que possibilita levantar e sistematizar os dados e o *Gephi* que, por meio de algoritmos matemáticos, gera as representações das redes sob a forma de grafos⁶.

⁶ A teoria de grafos trata-se de um ramo da Matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto se utilizando de estruturas denominadas de grafos. Esta teoria possui

O *Grafo 1* trata-se da rede social obtida por meio da representação da *fan page* do Facebook de um dos estabelecimentos estudados, o Kituts Grill Bar, na área central da cidade de Presidente Prudente. A partir de sua utilização não só levantamos e sistematizamos uma grande quantidade de dados, como realizamos uma análise qualitativa quando o teor das postagens realizadas pelos internautas, os locais que eles frequentam, a identificação⁷ dos principais sujeitos da rede e seus respectivos contatos. Este grafo foi desenvolvido seguindo a lógica de agrupamento em *clusters*, ou seja, cada cor representa um grupo de contatos imediatos em relação a nó principal. Cada nó se trata de um internauta e as linhas são as suas respectivas conexões na rede. A dimensão de cada nó indica sua importância na rede.

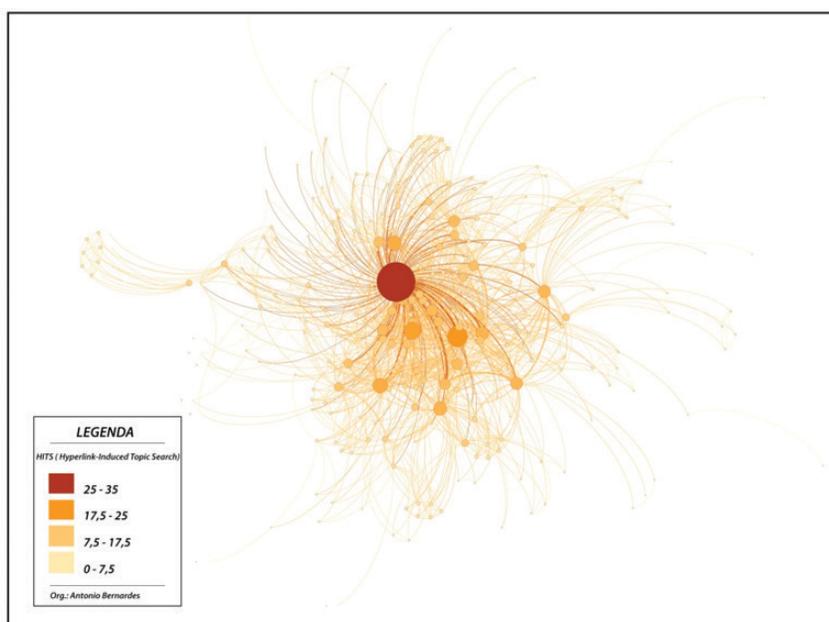
Pelo *Grafo 2* representamos a rede social do mesmo estabelecimento, mas considerando a quantidade e qualidade das conexões. Utilizamos o algoritmo HITS (*Hyperlink-Induced Topic Search*) para estabelecer a forma de agrupamento. Ele analisa as conexões e classifica cada nó como uma espécie de *website*, considerando sua importância e conexões – *Hubs and authorities* – para a rede. A importância indica o valor do nó em si e a conexão estima o valor das ligações de saída do nó. Em outras palavras, o algoritmo HITS mensura a interação e a respectiva importância de cada nó na rede (MCSWEENEY, 2014).

Somente neste momento que a *actor-network theory* desenvolvida por Latour (1996) passou a ter sentido para o estudo de caso. Ela nos possibilitou tratar cada frequentador/internauta como uma espécie de nó de uma rede de contatos para abordar a complexidade e as relações entre os sujeitos. Considera-se que os nós podem ter tantas dimensões como conexões e os sujeitos são fundamentais para o desenvolvimento, consolidação e manutenção da rede como uma forma de sociabilidade. Contudo, pela teoria de Latour não é possível considerarmos a importância de certo internauta na rede. Ora, constata-se que

forte relação com a Topologia, notadamente, quando consideramos seus aspectos contigüência, adjacência e conectividade. Ela possibilita discussões a acerca das redes (arcos e nós) e análises espaciais relacionados a linhas, pontos e polígonos.

⁷ Preservarmos a identidade dos internautas, por mais que estas sejam públicas nas *fan pages* do Facebook.

a *actor-network theory* não possui este objetivo. Ela aborda a relacionalidade entre os diferentes sujeitos, dos nós, mas para nosso estudo tão importante quanto o reforço das centralidades urbanas são os sujeitos que possuem notoriedade pela quantidade de conexões numa rede. São por meio deles que podemos inferir a influência e modo como às centralidades urbanas podem ser reforçadas. Quanto mais conexões numa rede, maiores são as possibilidades de certo sujeito influenciar maior número de pessoas, assim como, mais amplo se torna a divulgação de certo evento.

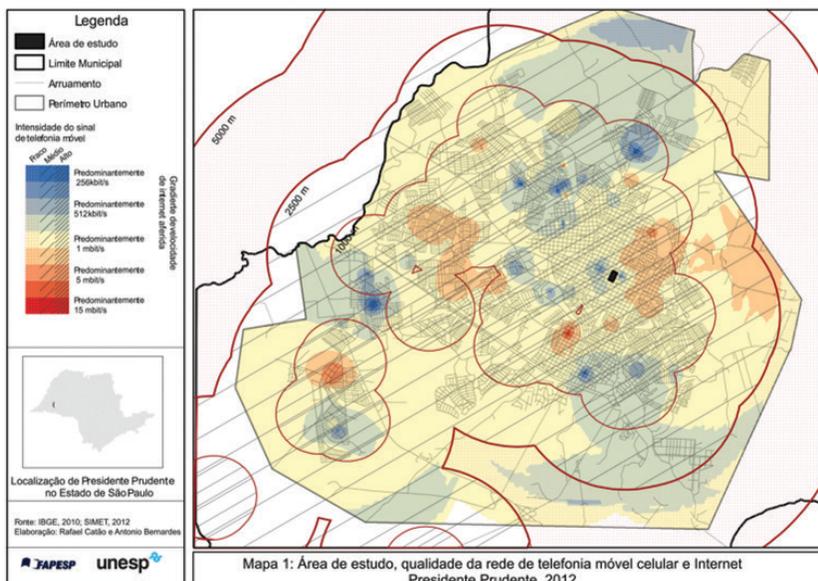


A teoria dos rizomas desenvolvida por Deleuze e Guattari (2000) surge como uma possibilidade complementar a teoria de Latour para nossa pesquisa. Eles destacam cinco princípios que, nas palavras dos autores, são:

[...] Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. [...] Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo

é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. [...] Princípio de ruptura a-significante: [...] Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. [...] Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; [...] Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Diferente é o rizoma, *mapa e não decalque*. Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.9-21)

Deleuze e Guattari propõem cinco princípios para entendimento do rizoma: de conexão e heterogeneidade, o ruptura a-significante e de cartografia e decalcomania. Pelo primeiro princípio podemos constatar que conexão recíproca entre os diferentes frequentadores/internautas. Destaca-se a relacionalidade entre os sujeitos, ou seja, suas formas de sociabilidade. Pelo segundo, quando o rizoma é rompido isso não implica seu término e sim outra forma de reprodução. Tomamos como exemplo, o fechamento do principal bar homoerótico da cidade de Presidente Prudente, o Butiquim Café Bar. Ao encerrar as atividades comerciais isto não incorreu na “morte” do rizoma. O seu rompimento levou a readequação das relações por meio um de seus bulbos. Outros lugares passaram exercer a centralidade urbana destinada ao lazer noturno para estes sujeitos. Outros sujeitos tomaram a dianteira e centralizaram as redes e houve uma complexificação territorial das relações. O último princípio, de cartografia e decalcomania, Deleuze afirma que não há modelos, decalques, para os rizomas e sim o mapa, pois este é baseado no real. Ele é integrante e integrado do real.



O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.22)

A teoria do rizoma indica uma representação aberta para as relações baseadas no real, para as dinâmicas sociais. Considera-se as linhas e suas quebras, os agrupamentos e reagrupamentos, é conectável e cada “bullbo”, como uma espécie de nó, que pode representar os sujeitos e/ou objetos pelas suas multiplicidades de relações e sua respectiva importância em determinada “rede”. É nesse sentido que a teoria dos rizomas é muito mais próxima da realidade estudada e da representação utilizada – em grafos – por suas múltiplas relações e suas respectivas intensidades e a importância de cada sujeito na “rede”.

Não descartamos a *actor-network theory* em favor da teoria dos rizomas. Entendemos que elas podem ser trabalhadas conjuntamente e indicam preocupações similares acerca da realidade contemporânea: a forma e o modo como as relações sociais de um período histórico em que o aporte técnico possui significativa notoriedade e, muitas vezes, as mediam. Latour (1996, p.3) afirma que “o AT reivindica que as sociedades modernas não podem ser descritas sem a identificação de sua fibrosidade, ramificações, resistências, pegajosidade, viscosidade e capilaridade”. Estes adjetivos ou mesmo conceitos são diferentes daqueles tradicionais para abordagem nas Ciências Humanas. Destarte, entendemos que indicam a resistência, os fluxos e as formas de relações sociais. Discussão próxima aquela de Deleuze acerca conexão e heterogeneidade dos rizomas, em que a relacionalidade é um aspecto fundamental. A proposição deste último autor poderá contribuir de modo diferenciado para nossa discussão, especificamente, pelos princípios de ruptura a-significante e de cartografia e decalcomania, como mencionado anteriormente.

Considerações finais

Buscamos trazer para o debate neste texto uma série de discussões que possuem como fundamento as relações de interface e o contexto espaço-temporal em que elas são realizadas. Como “pano de fundo” desenvolvemos uma abordagem que cambiou da singularidade à universalidade, perpassando pela particularidade. Utilizamos este procedimento no intuito de não recair num processo de mistificação especulativa da realidade, como nos alerta Engels (apud LUKÁCS, 1968, p.101):

De fato, todo conhecimento efetivo, completo, consiste apenas no seguinte: que nós, como pensamento, elevamos o singular da singularidade à particularidade e desta à universalidade, que nós reencontramos e estabelecemos o infinito no finito, o eterno no caduco. A forma da universalidade, porém, é forma fechada em si, isto é, infinitude; ela é a síntese dos muitos finitos no infinito.

Para Engels se deve partir da singularidade em direção ao singular e, deste, ao particular e ao universal. Em verdade, a própria singularidade se trata de uma espécie de amálgama das particularidades e das universalidades do real.

Para o nosso caso, aquilo que indicamos como singularidades das relações de interface puderam ser indicadas pelos procedimentos metodológicos em campo – observação sistemática, observação participante e a aplicação de entrevistas, questionários e enquetes – que é sua dimensão concreta. Salienta-se que aquilo que denominamos de relações de interfaces não são singularidades e sim particularidades. Indicam um modo específico de relação social, a qual, por sua vez, se trata de uma universalidade. Para este texto partimos de certa particularidade, das relações de interface, mas que, inicialmente, foi constituída como certa singularidade, ou seja, emergiu para a pesquisa em formas de questionamentos que a antecedeu o projeto de investigação pelas relações concretas na cotidianidade, pelas singularidades que são os modos específicos de comunicação entre, por exemplo, um sujeito A com o sujeito B, como indicado por Mitchell (2002).

Outra dimensão particular desta pesquisa são as cidades médias. Elas só tem sentido num contexto mais amplo de mundo e suas respectivas dinâmicas sócio-espaciais. A cidade de Presidente Prudente é sua singularidade, o concreto. Em termos geográficos, o global se manifesta no local e o lugar no espaço e, inversamente para ambos (MASSEY, 2000). Eis, a complexidade relacional em questão.

Já para as redes sociais podemos inferir que o conceito de rede e de rizoma são umas das formas representativas e explicativas para abordar as dinâmicas e a organização das relações sociais – incluindo os objetos técnicos. A rede e o rizoma *per se* não dizem nada, é necessário considerar seu fundamento e universalidade, a sociedade. Suas particularidades são as relações mediadas eletronicamente ou não, para as singularidades que são as relações concretas entre sujeitos determinados. Abordar, inicialmente, as relações de interface em suas singularidades e particularidades permite não dissociá-las daquelas face-a-face, como se cada uma se desenvolvesse em planos distintos do real. Considera-se que ambas são modos de relações sociais.

Sabemos que o movimento ontológico objetivo no sentido de sociabilidades cada vez mais explícitas no ser social é composto por ações humanas; ainda que as decisões singulares entre alternativas não levem, no desenvolvimento da totalidade, aos resultados visados pelos indivíduos, o resultado final desse conjunto não pode ser inteiramente independente desses atos singulares. Essa relação deve ser formulada com muita cautela: e isso porque a relação dinâmica entre os atos singulares fundados sobre alternativas e o movimento de conjunto se apresenta de modo bastante variado ao longo da história, ou seja, é diferente nas diversas formações e, em particular, nas diversas etapas de desenvolvimento e transição. (LUKÁCS, 1979, p.125)

Lukács indica que os homens são uma expressão da sociedade e ela só o é devido a sua expressão em cada homem. As escolhas e os projetos dos homens nem sempre cumprem os objetivos por eles propostos no mundo, mas com isso não se deve entender que o universal esteja de modo independente do singular. Pelo contrário, são os fenômenos singulares e particulares que caracterizam e atribuem cor ao universal.

São pelas ações singulares dos sujeitos que ao manipular os “pequenos objetos” para se estabelecer a comunicação com o Outro que todo o sistema de telecomunicações se efetiva, seja para o sistema de telefonia móvel celular ou de Internet. Em outros termos, seguindo uma lógica sistêmica, o *input* das ações singulares dos sujeitos é o que anima e perfaz o sistema. O *output* é a informação comunicada ao Outro.

Não há qualquer sentido de considerar um sistema de telecomunicação sem as ações singulares dos sujeitos – ligações telefônicas, envio de mensagens de texto, postagem em rede social, envio de e-mail etc. –, assim como, não levar em conta que os sistemas enquanto universalidades são organizados levando em conta algumas características gerais – particularidade – fundada nas relações singulares. Isso implica que cada relação singular tem certa influência na universalidade, assim como, a própria universalidade influencia nas distintas singularidades.

É comum notarmos com mais facilidade, ainda mais no atual período de globalização, as influências ou mesmo determinações das universalidades em detrimento das singularidades e até mesmo das particularidades. Contudo, é necessário situarmos os termos e as diferentes dimensões do entendimento para a análise e interpretação da totalidade do real. Evitar dissociações arbitrárias imersas em idealismos modernos, porque o ser social, os sujeitos, são quem atribuem diferentes valores e distinções aos meios de sua existência, assim como, a espacialidade que vivenciam incorre e influencia, contraditoriamente, em seus diferentes modos de vida. Atualmente, um modo de vida dos sujeitos é ser internauta. Eis a intrincada e contraditória dialética entre a singularidade, particularidade e universalidade das relações de interface nas áreas de lazer noturno da cidade de Presidente Prudente. Uma totalidade em questão.

Referências

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benjamin, W. (1997). *Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire: um lírico na época do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Bernardes, A. (2012). Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta: contribuição à epistemologia em Geografia. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente, Brasil.
- BUTIQUIM, Proprietário. Entrevista 2. [mar. 2013]. Entrevistador: TURRA NETO, N. Presidente Prudente: UNESP, 2013. 1 arquivo MP3. Entrevista concedida ao Projeto temático FAPESP “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo”.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2000). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (vol. 1). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) (2014). *Censo Demográfico 2010: Sinopse*. Acedido a 28 de maio de 2014, em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=354140>.
- Latour, B. (2013). On actor-network theory. A few clarifications plus more than a few complications. *Soziale Welt*. Acedido a 5 de abril de 2013, em <http://www.cours.fse.ulaval.ca/edc-65804/latourclarifications.pdf>.
- Líndon, A. (2009). La construcción socioespacial de la ciudad: el sujeto cuerpo y el sujeto sentimiento. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, 1 (1), 6-20.
- Lefebvre, H. (1999). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG.
- Lukács, G. (1979). *Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas.

- Massey, D. (2000). Um sentido global de lugar. In A. A. Arantes (org.), O espaço da diferença (176-185). Campinas: Papirus.
- Mesweeny, P. J. (2014). Gephi Network Statistics: Google Summer of Code 2009 Project Proposal. Acedido a 28 de maio de 2014, em <http://gephi.org/google-soc/gephi-netalgo.pdf>.
- Mitchell, W. (2002). *E-topia: a vida urbana - mas não como a conhecemos*. São Paulo : Senac.
- Santaella, L. (2008). A ecologia pluralista das mídias locativas. Revista FAMECOS, 37, 20-24.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo : Hucitec.
- Sposito, M. E. B. (2004). O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. Tese de Livre Docência, UNESP, Presidente Prudente, Brasil.
- Turra Neto, N. & Bernardes, A. (2013). Relações de interface e centralidade de lazer noturno em Presidente Prudente - São Paulo. In F. Oliveira, D. Freire, G. Jesus & L. Oliveira (Coord.), *Ciência e ação política: por uma abordagem crítica*. XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Rio de Janeiro.